

Flávio Ferraz

Andarilhos da imaginação

Um estudo sobre os loucos de rua

2ª edição revista



Blucher

Andarilhos da imaginação

Um estudo sobre os loucos de rua

Flávio Ferraz

2ª edição revista

Andarilhos da imaginação: um estudo sobre os loucos de rua

© Flávio Ferraz

Editora Edgard Blücher Ltda.

1ª edição – Casa do Psicólogo, 2000

2ª edição – Blucher, 2025

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Maurício Katayama

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Rodrigo Botelho

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Ferraz, Flávio

Andarilhos da imaginação: um estudo sobre os loucos de rua / Flávio Ferraz. – 2. ed. rev. – São Paulo : Blucher, 2025.

306 p. – (Série Psicanálise Contemporânea / coord. Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2512-6 (impresso)

ISBN 978-85-212-2511-9 (eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2510-2 (eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Loucura. 3. História da loucura.
4. Doenças mentais. 5. Doenças mentais – Estudos.
6. Transtornos psíquicos. 7. Pessoas em situação de rua.
I. Título. II. Série.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Agradecimentos	9
Prefácio à 1ª edição	11
<i>Adélia Bezerra de Meneses</i>	
Prólogo à 2ª edição	15
Introdução	17
1. Do conceito e da história da loucura	29
2. Da razão e da desrazão	59
3. Das ciências da loucura	87
4. Do louco de rua ou da loucura de domínio público	119
5. Da memória e da narrativa	163
6. Relatos sobre loucos de rua	183
7. Conclusões	239
Referências	285

Posfácio – Memória e narração: o louco de rua como
alteridade hermética

295

Nelson da Silva Junior

Agradecimentos

Aos “loucos de rua” de Cambuí, que povoaram minha infância e nunca deixaram de habitar minha memória;

Aos entrevistados Hélia Salles de Oliveira (*in memoriam*), João Batista de Oliveira (*in memoriam*), Célia Salles de Oliveira, Luiz Cândido (*in memoriam*), Margarida Maria de Almeida e Souza e Ulisses Capozzoli, pelos momentos alegres de nossas conversas, que já vão longe no tempo, e pela riqueza do material levantado;

A Maria Luisa Sandoval Schmidt, pela orientação do trabalho e pela amizade sempre renovada;

A Adélia Bezerra de Meneses, Jurandir Freire Costa, Marlene Guirado e Nelson da Silva Junior, examinadores generosos deste trabalho, além de amigos queridos;

A Decio Gurfinkel, pela amizade e pela companhia intelectual que datam de muito tempo;

A minha irmã Helena Maria Carvalho Ferraz (*in memoriam*), pela paciente e rigorosa leitura dos originais;

A minha mãe, Maria Aparecida Carvalho Ferraz, meu pai, Pedro Carlos Junqueira Ferraz (*in memoriam*) e meus irmãos Eneida,

Lívio César e Marcelo, parceiros das memórias e das narrativas presentes neste trabalho;

A Helena Tassara, pelo compartilhamento de quase uma vida.

Prefácio à 1ª edição

Andarilhos da imaginação é um competente estudo sobre os loucos de rua, pensado e elaborado com rigor científico, mas que seduz pelo lastro fundamentalmente humano que carrega e por sua dimensão narrativa. Os próprios nomes das figuras (de carne e osso!) aqui convocadas lembram personagens literárias. Senão, vejamos: Chico Louco, Patinho, Sartico, Zé Ramiro, Zé da Dorfa, Quinhento, Floriza, Zé Arbano, Rita Papuda, Marcolina, Guilhermina, Mudo, Brinco – que efetivamente andarilhavam pelas ruas da Cambuí da infância do autor – parecem saídos das páginas do *Grande sertão: veredas* ou de *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa.

No entanto, não só pela semelhança dos nomes e pela fonte comum da mineiridade, tão sensivelmente captada e expressa, é que essas pessoas quase viraram personagens: na boa tradição hegeliana, passaram do plano particular para o universal. Para além da mera informação, deu-se a criação de um mundo: pela mediação da forma e dos enredos tecidos pelas histórias de vida, eis-nos arrastados pelo fascínio da narrativa. Com efeito, os relatos dos informantes do autor – habitantes da cidade de Cambuí –, apresentando por vezes versões coincidentes supostamente “objetivas”

sobre seus loucos de rua, e que, de fato, embutem vários elementos míticos, revelaram-se um campo fecundo para o estudo do imaginário popular sobre a loucura. Por exemplo, o caso do menino cuja mãe tinha a fisionomia triste, e que teria enlouquecido porque comeu juá bravo...

Assim, trata-se de um livro que, na fidelidade ao título *Andarilhos da imaginação*, diz respeito, de um lado, ao louco de rua perambulando pelo mundo da fantasia, e, de outro, remete ao imaginário *da comunidade* sobre seus loucos e à interação entre esses dois mundos.

Mas o que torna o texto – apresentado originalmente como tese de doutorado na Universidade de São Paulo – sugestivo e tocante é o enraizamento desse objeto de estudo acadêmico na história de vida do autor: algo que diz respeito a uma vivência pessoal, de cidade de infância, a uma pertença comunitária; algo aferido ao mundo dos afetos e da memória resgatada. Uma “tese” que começou, conforme se registra na Introdução, com um caderno de anotações de um menino de 12 anos de idade... E que desemboca num estudo de corte psicanalítico que, inserido no quadro de uma “história das mentalidades” e tendo como método o relato oral, interessará certamente a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, estão ligados ao mundo do imaginário.

Adélia Bezerra de Meneses

Novembro de 1999

*Em todos os lados, a loucura fascina o homem.
As imagens fantásticas que ela faz surgir não são
aparências fugidias que logo desaparecem da
superfície das coisas. Por um estranho paradoxo,
aquilo que nasce do mais singular delírio já
estava oculto, como um segredo, como uma
inacessível verdade, nas entranhas da terra.*

(Michel Foucault)

*Um grão de loucura e devaneio, quem sabe, é
desta falta que padecem nossas almas mortas,
famintas de encantamento e razão de viver.*

(Jurandir Freire Costa)

Prólogo à 2ª edição

Decorridos 25 anos da publicação original deste livro, fruto de minha tese de doutorado defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) em 1999, tenho a satisfação de vê-lo republicado pela Editora Blucher.

Depois de tantos anos, é mister observar como a cena pública e a realidade social da ocasião em que fiz este trabalho sofreram, naturalmente, profundas alterações. Cambuí, cidade onde realizei a pesquisa de campo, cresceu muitas vezes em relação àquela época. As cidades, em geral, sofreram alterações significativas no que toca ao modo como se dá a vida no espaço público, por inúmeras razões que não cabe aqui levantar. Afinal, mais de meio século nos separa do cenário narrado pelos entrevistados. Por essa razão, o material trazido neste livro não deixa de vir, hoje, acrescido de um caráter documental a respeito de um tempo determinado. Revela um modo de convívio da cidade com seus loucos de ruas que, embora ainda deva se manter de forma localizada em pequenos núcleos urbanos, ou mesmo em bairros de cidades maiores, em grande parte deve ter deixado de existir.

Sem me estender mais, reitero os agradecimentos que fiz a todos aqueles que tiveram algum papel na produção desta pesquisa e deste texto: familiares, amigos, colegas e professores. Mas gostaria de dizer que hoje, olhando retrospectivamente, percebo ainda mais nitidamente a qualidade acadêmica e humana de minha orientadora, Maria Luisa Sandoval Schmidt, que me ofereceu amorosamente os instrumentos metodológicos que viabilizaram a pesquisa, concedendo-me, ademais, sua confiança e me dando liberdade para dar vazão à necessidade que eu trazia de contar, de meu jeito, essa história dos loucos das ruas da Cambuí de minha infância. Sei que foi no fascínio que por eles sentia que se originou minha escolha profissional.

Flávio Ferraz

Fevereiro de 2024

Introdução

Muito antes de interessar-me teoricamente pelo tema dos loucos de rua ou de ter sequer ouvido falar em Foucault, durante toda minha infância passada em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, sempre me chamaram a atenção a vida e a história daquelas personagens que perambulavam de rua em rua, ou mesmo de cidade em cidade, guardando em torno de si uma certa atmosfera de mistério que em todos despertava os mais diversos sentimentos: interesse, medo, curiosidade, pena e outros mais. Eram os “loucos de rua”, esses protagonistas do *theatrum mundi*, esses andarilhos da imaginação...

Lembro-me de que essas personagens viviam, aparentemente, à margem das exigências sociais, em um mundo que parecia pertencer ao reino da fantasia. Sua loucura era de domínio público, encenada no palco que era a rua, a praça pública. Viviam sem trabalhar, pedindo dinheiro e comida. Eram figuras públicas, quase lendárias, “folclóricas”, poder-se-ia dizer. Delas todos davam alguma notícia: muito se sabia sobre elas; contudo, mais ainda se ignorava. Existia um mistério que as envolvia. Onde nasceram? De onde vieram? Por que chegaram a este estado de loucura e penúria?

Onde moram? Era tudo uma grande nebulosa. Abundavam versões sobre a história de vida daquelas pessoas, frutos da fantasia, da imaginação popular atizada.

Havia o Chico Louco, que tocava pandeiro e cantava pelas ruas, sempre acompanhado por um séquito de crianças em busca de diversão; Rita Papuda – naturalmente, como o apelido indica, dona de um bem formado “papo”,¹ que andava sempre com uma boneca nos braços, dizendo tratar-se de sua filha; Zé Arbano, surdo-mudo, de olhos azulíssimos luzidios, que trazia sempre à mão um porrete ameaçador, causando verdadeiro pânico em algumas pessoas; Marcolina, de olhos verdes, pequena como uma criança, também de porrete na mão; Floriza, de apelido Batatinha, uma velha preta que nunca tomava banho e exalava um cheiro perceptível a grande distância, um odor inesquecível; Brinco, que não perdia um enterro sequer e ainda fazia questão absoluta de ajudar a segurar o caixão; Geraldo Cassiano, que morava no meio rural e aparecia na cidade, durante o carnaval, entoando canções pela rua com seu potente vozeirão; havia outros ainda, dos quais me lembro apenas vagamente... A todos estes, que faziam o “teatro do mundo”, juntavam-se os bêbados notórios: Zé Ramiro, Zé da Dorfa, Honório, Quinhento, entre tantos outros.

Com certeza havia outros de que não me lembro. Mas, no meu tempo de menino, estes representavam boa parte dos doidos “oficiais” de Cambuí. O escritor memorialista Joaquim de Salles, nascido na cidade mineira do Serro em 1879, destinou algumas páginas de seu livro *Se não me falha a memória* aos doidos de sua cidade no tempo de sua infância. Curioso é o fato de que, apesar do grande espaço de tempo transcorrido, “seus” doidos muita semelhança

1 Modo popular de designar o *bócio endêmico* (hipertrofia da glândula tireoide causada pela carência de iodo), mal que me lembro ser muito comum, antigamente, em Cambuí e em toda a região vizinha.

guardavam em relação aos “meus” loucos de Cambuí. Após enumerar e descrever aqueles de que se recordava, Salles (1960/1993) mostra precaução quanto à tarefa de esgotá-los:

Estes eram os doidos “oficiais” do Serro. Haveria outros?... Provavelmente, como os há por toda parte, exercendo o direito de ir e vir e abusando da prerrogativa de se acotovelar com Deus e todo mundo. Seria difícil catalogar a todos – aqui, lá e acolá... São numerosíssimos... A Sagrada Escritura chega a afirmar que o número dos insanos é infinito. Stultorum infinitus est numerus. Por isso mesmo, neste particular, as omissões são sempre desculpáveis... (p. 226, grifos do original)

Joaquim de Salles não foi o único escritor a recensar os doidos de sua cidade. Outros também o fizeram, numa demonstração inequívoca da importância que estes tipos tinham para a vida local. Hermes Augusto de Paula (1979), em sua obra sobre Montes Claros,² também Minas Gerais, descreveu o que chamou de “tipos populares” daquela cidade nas primeiras décadas do século XX, a maioria deles constituída por genuínos loucos de rua. Eram eles: Zé Botão, Manezim Cisca-Cisca, Pedro Velho, Braz Tesoureiro, João Pancinha, Zé Pedra-Preta, Meu Anjo, Sapudo, Polaco, Custódia, Pedro Bezerra, Santo, Dr. Capanga, Lucas dos Infernos, Maria Porretão, Ninão, João da Mata, Eulália, Domingos Velho, Julião, Pindoba, Evaristo e Gertrudes (casal), Alalaô, Caçote, Babilônia, Maria Carqueija, Senhorinha, Major Alexandre e Manoel Quatrocentos. Alguns dos apelidos pelos quais eram chamados esses tipos populares já nos dão uma ideia de suas características...

2 Agradeço a João Luiz Lafeté, em memória, pela indicação desta obra sobre sua cidade natal.

Este trabalho tem as suas raízes confundidas com as minhas. Nele, eu procuro voltar a um ponto do qual, em verdade, nunca estive muito distante, ao menos na memória. Posso dizer mesmo que se trata, no fundo, da tentativa de sistematização de um trabalho que tem sido constante e contínuo, de um esforço para que ele não se perdesse.

Data de meus 12 anos a primeira tentativa de descobrir os mistérios que envolviam os loucos de rua de Cambuí, de ceder ao fascínio por eles despertado. Naquela ocasião, realizei uma pequena tarefa por mim mesmo determinada: movido pela curiosidade, pelo interesse e pela paciência então possível, procurei fazer o que estava a meu alcance, tentando dar algum corpo às histórias fantásticas que corriam de boca em boca sobre aquelas tão célebres figuras. Munido de um caderno de anotações, passei então a coletar tudo o que eu ouvia a respeito dos loucos de rua, conversando ora com eles próprios, ora com outras pessoas da comunidade que me relatavam coisas interessantíssimas sobre sua história. Procedia como se estivesse à cata de peças de um quebra-cabeça, como se, ao final de tudo, eu pudesse desvendar o segredo e os mistérios daqueles loucos, satisfazendo minha curiosidade. Foi então que me deparei com o mais incrível desta empreitada: as peças do quebra-cabeça jamais se encaixariam com exatidão...

Contudo, minhas tentativas de registrar os dados que coletava não foram em vão, pois, além de ter conseguido um material que julgo importante a respeito da história de minha cidade – anotações e fotografias que eu mesmo fazia –, tal esforço de observação despertou-me para a riqueza que existia no contato desses loucos com a cidade, fazendo-me crer que realmente eles ocupavam um papel importante na imaginação popular.

Havia muitas histórias sobre os loucos de rua, sendo que nem sempre elas eram coincidentes ou compatíveis. Algo a eles inerente parecia excitar a imaginação das pessoas, tornando fecunda sua

criatividade, produzindo lendas inventivas. Além disso, a forma como se falava de um louco de rua não me parecia emocionalmente neutra, mas, antes, apaixonada, exaltada, fantasiosa. Seria o fascínio exercido pela sua loucura? Haveria algo simultaneamente aberrante e humano – secretamente humano – em tais figuras?

Foucault (1961/1989), ao tratar da presença da loucura na arte renascentista – por meio das figuras terríveis e animais retratadas pelos pintores –, afirmou que o homem descobria a si próprio naquelas figuras fantásticas, tomando contato com a natureza de seu desejo. Tratava-se, assim, do fascínio exercido pela loucura:

a loucura fascina porque é um saber. É um saber, de início, porque todas essas figuras absurdas são, na realidade, elementos de um saber difícil, fechado, esotérico. [...] Este saber, tão inacessível e temível, o Louco o detém em sua parvúcie inocente. Enquanto o homem racional e sábio só percebe desse saber algumas figuras fragmentárias – e por isso mesmo mais inquietantes –, o Louco o carrega inteiro em uma esfera intacta: essa bola de cristal, que para todos está vazia, a seus olhos está cheia de um saber invisível. (pp. 20-21)

Ainda sobre esse poder de atração e fascínio exercido pela loucura, continua Foucault (1961/1989):

num único e mesmo movimento, o louco se oferece como objeto de conhecimento dado em suas determinações mais exteriores e como tema de reconhecimento, em troca investindo aquele que o apreende com todas as familiaridades insidiosas de sua verdade comum. (p. 512)

Este estranho sentimento de familiaridade que o louco provoca em seu interlocutor – ou simplesmente observador – parece de natureza semelhante à do “estranho familiar”, de que Freud (1919/1981i) falou. Ele resulta de um impacto estético causado no contato com aquilo que, à primeira vista, parece ser estranho, mas que é, simultânea e paradoxalmente, familiar.

É assim que, no relacionamento do homem comum com o louco, este, estranho por excelência, adquire o papel de espelho: reflete o encoberto, a loucura pessoal desconhecida; reflete o obscuro, o inconsciente:

o louco desvenda a verdade elementar do homem: esta o reduz a seus desejos primitivos, a seus mecanismos simples, às determinações mais prementes de seu corpo. A loucura é uma espécie de infância cronológica e social, psicológica e orgânica, do homem. (Foucault, 1961/1989, p. 512)

Por tudo isso, a loucura fascina. Quem não tem uma história sobre algum louco de rua para contar, uma experiência qualquer de apreensão, medo, curiosidade ou brincadeira? Quem nunca sentiu este interesse, este fascínio? Qual a pequena cidade que não tem os seus loucos célebres? O *Tio Ernesto*, do memorialista Joaquim de Salles (1960/1993), é um exemplar desses loucos memoráveis:

de todos esses pobres loucos, o mais inofensivo era o meu Tio Ernesto. Tinha pequenas manias, como a de chamar a todos de seu coisa. A primeira vez que me falou, disse seu coisa, e eu, muito respeitosamente, observei-lhe:

– Tio Ernesto, eu me chamo Joaquim...

– É mesmo, seu coisa?...

*E ainda hoje lembro-me perfeitamente de como enca-
bulei com a réplica de meu tio doido... No mais, de vez
em quando dava para chorar em altas vozes, começan-
do sempre o pranto por estas palavras: “Que diabo, do
inferno danado, do diabo, do inferno danado...” Não
derramava lágrimas, mas parava o berreiro inopina-
damente, como se interrompesse uma emissão de rádio,
desligando-o ex abrupto.*

*Muitos que o conheceram em estado normal até aos
vinte e quatro anos diziam que ele nunca regulou bem
e invocavam para isso um argumento fulminante: meu
tio Ernesto nunca usou chapéu desde pequeno, e não
usar chapéu naquele tempo era caso de hospício ou de
interdição judiciária... Aquele tio levou uma queda,
não sei se de cavalo ou de barranco abaixo, e deu com
a base do crânio sobre uma pedra. Em lugar de lhe ter
acontecido o que sucedeu ao Padre Antônio Vieira, ele
pelo contrário, ensandeceu para o resto da vida.*

*Tinha ele uma diurese abundantíssima. Enchia por noi-
te, duas e três vezes, um enorme vaso noturno e despe-
java-o pela escada de seu quarto, que dava para a rua.
E certa vez atirou toda uma quantidade desse líquido,
já um tanto fermentado, sobre a Baronesa do Serro e
minha tia Amélia, que conversavam à porta da casa de
minha avó, longe de pensarem naquele banho completo
da cabeça aos pés... (pp. 222-223, grifos do original)*

Helena Morley (1942/1998), no livro de memórias *Minha vida de menina*, conta detalhes do cotidiano da cidade de Diamantina – vizinha do Serro de Joaquim de Salles – entre 1893 e 1895, não

deixando de incluir aí uma referência aos loucos de rua e à importância que eles tinham para ela:

As outras cidades terão tanto doido como Diamantina? Eu e Glorinha estivemos contando os doidos soltos, fora os que estão no Hospício. Que porção!

Mas também uma cidade sem doidos deve ser muito sem graça. Eu pelo menos não queria deixar de ter aqui Duraque, Teresa Doida, Chichi Bombom, Maria do Zé Lotério, João Santeiro, Antônio Doido, Domingos do Acenzo. Cada um é mais engraçado com a sua mania. Mas a melhor de todas é a de Domingos, que é cabeleireiro e tem a mania de ficar rico.

Meu pai costuma chamá-lo em casa para lhe cortar o cabelo e eu fico sempre perto, morrendo de rir. Ele fica contando a meu pai, com aquela cara séria, os seus planos de enriquecer e eu, para não estourar na frente dele, corro para rir no meu quarto. (pp. 272-273)

Mas nem só as pequenas cidades têm seus loucos e suas histórias. Eles estão presentes também nas metrópoles. Cada bairro, cada rua, tem o “seu” louco. Há, entre eles, os artistas que pintam quadros e chegam a vendê-los para os passantes; há os profetas, que como tal se vestem e se comportam; há os escritores, que se entregam à preparação de longos tratados; há homens que se travestem de mulher; há guardas de trânsito, que apitam e tentam reger o tráfego caótico; há, ainda, os que falam sozinhos, discursam, gritam e até mesmo ameaçam quem lhes volta o olhar curioso. Muitas vezes, elegem algum canto onde se estabelecem (uma ponte, um viaduto, uma casa abandonada, o abrigo de alguma marquise, uma árvore, um jardim etc.), passando a viver das esmolos, comidas, roupas e objetos que ganham da população vizinha.

Com sua excentricidade, sua liberdade e sua criatividade, esses loucos de rua despertam a atenção e o interesse coletivos, o que os conduz, algumas vezes, ao noticiário dos jornais. Alguns protagonizaram o filme de curta-metragem *Dizem que sou louco*, documentário dirigido por Miriam Chnaiderman (1994), que procurou retratá-los na cidade de São Paulo, mostrando como a rua é seu *habitat* por excelência.

Deborah Sereno (1995) trabalhou na produção desse filme e, narrando sua experiência, descreveu alguns dos loucos de rua que encontrou em diversos bairros da cidade: a gordona que ficava sentada como Buda e se transformava em poetisa, pintora e cartomante; a preta de turbante, sobre o túnel da Avenida Rebouças, que era branca mas escureceu porque Paulo Maluf aprontou-lhe alguma; a Toninha, que estava sempre embaixo do Minhocão e era conhecida por todos da região; a princesa negra, com seu gato entrelaçado no pescoço; finalmente, o senhor “criancinha-criança” da Avenida Nove de Julho, de longas barbas brancas e boina sobre a careca, que cumprimentava os pedestres e os que passavam de carro, pedindo-lhes uma ajudinha financeira.

O poeta Paulo Leminski (1984), que vivia em Curitiba, referiu-se a esses loucos no poema “Dois loucos no bairro”:

*um passa os dias
chutando postes para ver se acendem*

*o outro as noites
apagando palavras
contra um papel branco*

*todo bairro tem um louco
que o bairro trata bem*

*só falta mais um pouco
pra eu ser tratado também*

No presente trabalho, de certo modo, deixei-me ceder ao fascínio do louco, procurando conhecê-lo também um pouco *no outro*, na comunidade em que fui pesquisar. Foi a partir da percepção de que havia um campo a ser recortado – o da importância do louco de rua para a comunidade – que busquei estudá-lo especificamente em Cambuí. Fui buscar o louco presente na memória dessa cidade, mas que é também o louco de minha memória. Foi uma escolha deliberadamente pessoal, que julgo perfeitamente compatível com a concepção e com o método de investigação que adotei e no valor do qual acredito.

Ao voltar a Cambuí para conversar com as pessoas sobre *ossos* loucos de rua, tive como objetivo mais amplo colher subsídios para formular uma teoria acerca de seu papel no imaginário popular e do lugar por ele ocupado no conjunto de narrativas que constituem a história e a tradição oral da comunidade. Como indagação de fundo eu tinha a questão: quais seriam as consequências, sobre a comunidade, do convívio com a loucura experimentada em estado livre? Dito de outra forma: qual seria o espaço mental que esse contato ocupa no “cidadão comum”? Ou ainda: de que forma o contato com a loucura toca o imaginário popular e o fertiliza? A partir dessas indagações, é possível explicitar alguns objetivos específicos que me ocorreram no decorrer da pesquisa: o de levantar o conjunto de histórias e lendas acerca dos loucos de rua da comunidade; o de conhecer os modos de relacionamento que se travam entre a comunidade e seus loucos de rua; e, finalmente, o de esboçar uma teoria sobre o conceito popular de loucura junto com as hipóteses sobre sua etiologia.

E como proceder a tudo isso? Decidi-me por realizar entrevistas com as pessoas da comunidade, apostando no valor da

memória e da narrativa como veículos do conhecimento. Desse modo, fica claro que o objeto deste estudo está mais para o imaginário da comunidade acerca do louco de rua do que propriamente para o louco de rua, muito embora também possamos dizer algo sobre sua experiência.

O método adotado para a realização desta pesquisa encontra-se explicitado no Capítulo 5, dedicado não só aos procedimentos utilizados como também a sua fundamentação, por meio de uma discussão sobre a memória e a narrativa. Antes disso, no entanto, algumas questões teóricas que envolvem a loucura foram tratadas: no Capítulo 1, cuidei de seu conceito e de sua história através dos momentos distintos da civilização; no Capítulo 2, das intrincadas relações entre os conceitos de loucura e de razão/desrazão; no Capítulo 3, das “ciências da loucura”, isto é, das diversas maneiras formalizadas que encontramos para sua abordagem teórica; e, finalmente, no Capítulo 4, procurei delimitar e discutir o objeto específico deste trabalho, que é o “louco de rua”, utilizando-me de algumas passagens do vasto material que a literatura – basicamente a brasileira – nos oferece.



Andarilhos da imaginação é um competente estudo sobre os loucos de rua, pensado e elaborado com rigor científico, mas que seduz pelo lastro fundamentalmente humano que carrega e por sua dimensão narrativa. Os próprios nomes das figuras (de carne e osso!) aqui convocadas lembram personagens literárias. Senão, vejamos: Chico Louco, Patinho, Sartico, Zé Ramiro, Zé da Dorfa, Quinhento, Floriza, Zé Arbano, Rita Papuda, Marcolina, Guilhermina, Mudo, Brinco – que efetivamente andarilhavam pelas ruas da Cambuí da infância do autor – parecem saídos das páginas do *Grande sertão: veredas* ou de *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa.

– ***Adélia Bezerra de Meneses***

Excerto do Prefácio à 1ª edição

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2512-6



9 788521 225126



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Andarilhos da imaginação

Um estudo sobre os loucos de rua

Flávio Ferraz

ISBN: 9788521225126

Páginas: 306

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
